



Educação, arte e subjetividade: um encontro possível

Cesar Barbieri

Resumo: O presente estudo é um desdobramento da discussão apresentada por ocasião da participação na mesa redonda, com o tema “Arte, educação e subjetividade na sociedade contemporânea”, no VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, promovido pela Universidade Federal de Sergipe, em setembro de 2012, estimulado pela provocação em identificar uma possibilidade concreta de convergência entre Educação, Arte e o processo de formação da subjetividade, na sociedade brasileira atual.

Palavras-Chave: educação, arte, subjetividade, cultura popular, transdisciplinariedade, interdisciplinaridade, educação popular

“Arte popular do nosso chão

É o povo quem produz o show

E assina a direção”

(Jorge Aragão&Acyrr Marques)

Ao abordar, neste momento, o complexo tema: *Arte, educação e subjetividade na sociedade contemporânea*, e, especificamente, sobre a possibilidade concreta da confluência desses elementos que, dentre outros não menos importantes, constituem o amálgama da existência humana, inevitavelmente, sou levado a considerar as celebrações que ainda estão sendo realizadas e que nos remetem a fatos e pessoas que, indubitavelmente, constituem o alicerce de qualquer reflexão sobre a relação de nossas raízes culturais com o processo de nossa identidade. Comemora-se, ainda, os 90 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, Semana essa que, transcendendo ao pontual evento ocorrido no Teatro Municipal de São Paulo (13 a 17 de fevereiro) impulsionou, definitivamente, o Modernismo no Brasil, acolhendo em seu caudaloso e polêmico leito, a antropofagia de Oswald de Andrade (1890-1954), na segunda década do século XX; a comemoração dos cem anos do nascimento de Luiz Gonzaga (1912-1989), o nosso *Rei do Baião*, que por intermédio da música e da poesia, principalmente, oportunizou, não sem grande dificuldade, o tangenciamento, paciente e perseverante, da cultura das classes populares com o gosto e reconhecimento da classe dominante, mesmo que ainda um tanto carregado de preconceito e alicerçado em estereótipos discriminadores; a comemoração do centenário de Nelson Rodrigues (1912-1980), que nos apontou, de uma vez por todas, o reconhecimento do óbvio ululante e o seu consequente impacto; e,

a comemoração do centenário de Jorge Amado (1912-2001), esse Oju-Obá que via e contava as agruras e alegrias do povo brasileiro!

É, pois, impulsionado pelos desdobramentos da Semana de 22 (com Tarsila, Mário de Andrade, Brecheret, Villa Lobos, Di Cavalcanti e outros) — e pelo legado deixado por esses cantores, compositores e escritores que sempre ressaltaram a importância do cotidiano das pessoas comuns e da sua garra em enfrentar as dificuldades no processo de construção de suas existências, que, fundamentando-me nos pressupostos e princípios da fenomenologia existencial-hermenêutica, passo às minhas considerações quanto à possibilidade de convergência, de encontro, entre os fenômenos arte, educação e subjetividade, na sociedade brasileira contemporânea.

Ter a Arte como um dos componentes da reflexão que o tema impõe, não é tarefa das mais fáceis, tendo em vista os vários sentidos atribuídos a essa atividade humana que, sabe-se hoje, está presente em nossa vida desde os seus primórdios. No entanto, devo deixar explícito que ao referir-me a ela, o faço levando em consideração, por certo, as suas várias interpretações, lembrando, como afirma Jorge Coli, que a “arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração etc.”[1].

Assim, é fundamental que se atente, sempre, para a sua polissemia, e que se busque a compreensão quanto à coexistência (dialética) dos vários significados a ela atribuídos, quer seja o que ressalta a experiência estética, como alertado por Nietzsche, em 1871, ao afirmar que o mundo é, na verdade, um fenômeno estético[2]; como a interpretação platônica, que enfatiza a relação entre a qualidade do labor e a eficácia na consecução dos objetivos, tão debatida por Sócrates e Hípias, no diálogo em que discorrem sobre ao belo[3]; ou, ainda, a concepção aristotélica que, ao definir *techne* como arte (dentre outros sentidos, de igual forma importantes), enfatiza a “capacidade de fabricar ou fazer alguma coisa com uma correta compreensão dos princípios envolvidos”; ou, ainda, a tentativa de Bauhaus em reunir arte e ofício, buscando forjar a figura do artista-artífice que seria capaz de conjugar, satisfatoriamente, os princípios do “bom desenho estético” com as características e finalidades dos produtos industriais, ajustando o desenho aos materiais e métodos de manufaturas modernos[4]; ou mesmo as interpretações que a concebem como forma de pensamento, ou como tendo uma função pragmática ou utilitária, sendo um “meio de se alcançar uma outra finalidade”, ou, ainda as que definem a obra de arte como “um objeto propiciador de uma experiência estética por seus valores intrínsecos”, ou apresentando uma função naturalista, a qual destaca o conteúdo da obra, ou seja, “o que a obra retrata, em detrimento da sua forma ou modo de apresentação”[5].

Desta forma, após discorrer sobre os principais sentidos atribuídos à Arte, como um dos elementos desta minha reflexão ao buscar uma concreta possibilidade de convergência com a Educação e com a construção da subjetividade, fundamentando-me na concepção de que ela é “o conhecimento intuitivo do mundo”[6], intrinsecamente vinculado à experiência estética; como “experiência tanto do objeto estético como do sujeito que o percebe”[7]; ou, segundo Maiakovski, como não, simplesmente, um espelho que reflete o mundo, mas (também) como um martelo que o forja![8]

Com relação ao que se denomina de subjetividade, é importante deixar claro que, neste texto, ela é concebida como sendo a condição do ser humano tornar-se sujeito de sua existência, entendida como o “mundo interno” de cada ser humano, que possibilita o estabelecimento de suas relações com os outros seres humanos e, assim, permitindo a criação de um acervo de crenças e valores que, compartilhados culturalmente, vão construir a experiência histórica e coletiva dos diversos grupos sociais.

É importante ressaltar, ainda, que esse “mundo interno” é constituído de emoções, sentimentos e pensamentos, confirmando a existência de indivíduos plurais, diferentes entre si, como afirma Jeni Vaitsman, reconhecidos “enquanto lócus de singularidade, que produz e define necessidades específicas que devem ser ouvidas e respeitadas”, negando, desta forma, as pretensões de homogeneização do processo de globalização com o qual nos deparamos.

A questão, porém, não é tão simples como parece ser, reportando-nos, inevitavelmente, a uma questão anterior, imemoriável, que está contida nos pressupostos que asseguram a existência do binômio Uno-Múltiplo, e suas consequências, no processo de construção da realidade e que, como desdobramento, como concebe o professor Francisco Fontanella, por exemplo, a subjetividade, caracteristicamente mundana, é formada, principalmente, “pela dilaceração da existência”![9] Mas, afinal, o que isso quer dizer Quer dizer, concordando com o autor, que sendo a existência una, o que se convencionou chamar de subjetividade, de formação do “eu”, individual, só se tornou possível pela visão dualista do homem, pela sua fragmentação, ou melhor, pela vivência dessa dualidade a ele imputada.

Lamentavelmente, em nossa cultura, enfatizou-se a concepção de que o sujeito é, na verdade, o espaço interno — quer seja na dimensão psíquica, mental ou espiritual —, chamado, assim, de psique, mente, consciência, alma ou espírito, conforme seja a lente que seja usada para tentar-se compreendê-lo. Mesmo que se discorde do sentido individual (e individualista) prevalecente, é inegável a existência do processo de sua formação.

No entanto, tal concepção e o seu consequente processo de formação, ainda prevalente, como adverte Fontanella, é sim uma “usurpação do sujeito individual”, uma vez que, mesmo discordando de Platão e seus seguidores (até hoje), o “sujeito se constrói na medida em que constrói o mundo dos objetos”; o Homem constrói a realidade, mas esta, também o constrói, como já apontaram Marx e Engels; o Homem é ator e construtor, simultaneamente, do mundo, da sua realidade, de sua cultura, como identificou Kosik!

Essa herança platônica que alicerça a visão cartesiana-newtoniana do mundo, dando sustentação ao desenvolvimento desse processo de fragmentação do Homem, é preciso não esquecer, determina que ao falar-se do sujeito se tenha como referência, obrigatoriamente, o que é chamado de consciência, a qual requer e impõe um distanciamento do objeto para que o mesmo possa ser contemplado ou manejado, processo esse que Fontanella chama de “abreviação dessa obra monumental que é a formação do sujeito”. [10] Nessa toada reducionista, ainda aponta o autor, torna-se impossível e inadmissível a compreensão de que a consciência que pensa o mundo possa nele se originar! E assim, como denuncia Fontanella, foi necessário condenar o corpo a ser exclusivamente o seu “portador”, o seu “*lócus*”, como o seu “*habitat*”, concepção essa que se opõe, frontalmente, à de Merleau-Ponty que o compreende como não apenas acesso às coisas, mas, também, como vidente e visível, tateante e tocado, sensciente e sensível; que não é “apreendido como uma massa material e inerte ou como instrumento exterior, mas como o invólucro vivo de nossas ações” [11]; que é feito do mesmo estofo, do mesmo tecido, das coisas e, como tal, as mantém em círculo a sua volta, como seu prolongamento, as quais “incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena”, sendo o mundo, portanto, também “feito do próprio estofo do corpo” [12]; que está no mundo assim como o coração no organismo, mantendo espetáculo visível continuamente em vida, animando-o interiormente, formando com ele um sistema. [13]

O Homem, assim, se torna sujeito (proclama-se, pensa e age como tal), porém, tal processo não deveria ser considerado como sendo instalado e desenvolvido no âmbito da individualidade, uma vez que, é possível hoje afirmar, ele se faz culturalmente, como aponta Fontanella, Gertz e outros, se fazendo-no-mundo por intermédio da possibilidade do *dasein*, como já declarou Heidegger.

Finalmente, o terceiro aspecto que compõe o tema em questão: o fenômeno Educação, que deverá convergir para que o processo de construção da existência humana se realize de forma a permitir que o homem possa vivenciar, plenamente, a sua condição, *sine qua non*, de ator-construtor da realidade [14], fenômeno esse que, por certo, também requer algumas considerações, tendo em vista a sua polissemia e a complexidade inerente à sua constituição e manifestação.

Ao se percorrer os caminhos e meandros da História da Educação e ao deter-se, atentamente, aos princípios e pressupostos que constituem a Filosofia da Educação, é possível identificar a existência de três principais visões sobre o fenômeno Educação, quais sejam:

- a visão **tradicional-modeladora** - que, fundamentada nos objetivos e estratégias de uma elite

nobre, aristocrática, admite a necessidade de preservar o seu *status quo*, por intermédio da manutenção do modelo de sociedade existente, e, para tal, modelar o homem conforme os valores e significados dessa mesma elite;

- a visão ***moderno-domesticadora*** - que, tendo em vista os elementos constitutivos da visão modeladora, concebe como necessário impedir as tentativas de acesso à educação e de ascensão das outras classes sociais, admitindo, também, a necessidade de preservar o seu *status quo*, por intermédio da manutenção no modelo de sociedade e do desenvolvimento de processos de alienação, adestramento e domesticação, principalmente dos homens que constituem as classes populares; e,
- a visão ***emergente-emancipadora*** - que, em oposição às duas outras visões, concebe como fundamental o desenvolvimento da autonomia do homem, de sua emancipação, de seu pensamento crítico, de sua criatividade, de sua participação efetiva na construção do mundo em que está, de seu entendimento de pertencimento a esse mesmo mundo, admitindo a possibilidade de sua transformação.

As visões *tradicional-modeladora* e *moderno-domesticadora* de Educação, por certo, fundamentadas em princípios e pressupostos próprios de concepções decorrentes da mescla de uma visão *metafísico-realista* com uma visão *metafísico-idealista* [15], não apresentam argumentos aceitáveis, principalmente nos dias atuais, para fundamentarem esta reflexão. É, pois, o sentido de Educação contido na visão *emergente-emancipadora* que oferece os principais elementos que constituem o alicerce deste ensaio que aponta para a possibilidade de convergência entre arte, educação e subjetividade, nos tempos atuais.

Pois bem, feitos os esclarecimentos e advertências introdutórios quanto aos sentidos atribuídos aos fenômenos que, como propõe o tema, convergem e interagem tendo em vista o desenvolvimento do processo do homem ser-no-mundo, realizando a sua existência, como afirmou Heidegger, resta, fundamentalmente, indicar qual o caminho de sua possibilidade, fazendo surgir, inevitavelmente, a pergunta: Qual evento sinérgico permite a interação citada (e desejada), de forma que, sem perder as suas características fundamentais, tais fenômenos possa se oferecer como amálgama para a construção de um processo de aprender a ser-no-mundo

Sendo assim, deparo-me com mais um daqueles fatos óbvios que, por serem tão explícitos (mesmo que não percebidos por muitos), se manifestam com que gritando para chamar a atenção de todos. Ululam! Chegam a ser considerados, em alguns casos, como um verdadeiro escarcéu, muitas vezes entendidos como um desmedido atentado à moral e aos bons costumes ou, ainda, como uma grave ameaça à ordem e à segurança públicas. Deparo-me, pois, com mais um óbvio ululante: o fenômeno Capoeira!

Sim, esse fenômeno sociocultural centenário que, como uma (re)criação do negro-africano no Brasil, ainda hoje, se manifesta em todos os cantos e recantos do País e em um grande número de localidades em terras estrangeiras. Essa manifestação cultural que, pela sua inegável polissemia, tem sido percebida tanto como luta de resistência cultural, desde os seus primórdios até hoje, quanto como um negócio promissor que vem se consolidando, cada vez mais, como um disputado e rentável (para alguns) nicho de mercado, dentre outras de suas perspectivas, que se realizam, principalmente, nos campos da Educação — enquanto processo de o homem aprender a ser-no-mundo; da Educação Física — concebida, principalmente, com ginástica, esporte e dança; da Arte — como experiência estética e/ou objeto de arte; além da Psicologia, Antropologia, Sociologia e demais áreas das chamadas Ciências Sociais e Humanas.

Quais fatores, afinal, permitem que a citada convergência aconteça? Que relação é possível de ser identificada entre a Capoeira e o campo da Arte? Qual a relação com o fenômeno Educação, concebida pela óptica *emergente-emancipadora*? Como se relaciona com o processo de construção da subjetividade? Estabelecidas o que se pode chamar de perguntas-guia desta reflexão, vejamos, pois, como tais

relacionamentos acontecem.

Com relação à Arte, a Capoeira está presente como objeto de arte em um grande número de obras no âmbito das chamadas Artes Plásticas, tais como as gravuras de Rugendas ou Davi James, no início do século XIX; ou desenhos e caricaturas de Calixto, Alfredo Storni e Pederneira estampados em revistas e jornais cariocas do início do século XX; ou no âmbito da pintura, com os quadros primorosos de José Maria Ribeiro e Raymundo Vieira, no final do século passado; ou no âmbito da música, dentre o grande número de canções, nos diversos gêneros musicais, que abrangem desde o repertório de Jacson do Pandeiro até o de Paulo e Marcos Valle, de Jair Rodrigues e de Vinícius de Moraes e Baden Powell ou, ainda, as que são entoadas nas incontáveis Rodas de Capoeira, que se realizam mundo à fora, desde as que eram magistralmente cantadas pelo Mestre Waldemar da Pero Vaz até as que são entoadas pelos anônimos capoeiras, acompanhados de seu indispensável berimbaus; sem contar com as criações fotográficas de Pierre Verge; as películas cinematográficas, desde Oscarito e Grande Othelo, nas chanchadas da velha e boa Atlântida até os mais recentes documentários e ficções produzidas em alta tecnologia, no Brasil e no exterior ou, indiscutivelmente, no âmbito da literatura, principalmente, como Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Jorge Amado, Muniz Sodré, Frede Abreu, Gláucia Lemos, dentre outros romancistas, cronistas ou estudiosos no assunto, não menos importantes.

Não é possível deixar de fazer referência, principalmente ao se focar a Arte Brasileira, a Semana de Arte Moderna, de 1922, mesmo que não seja possível identificar, até o momento, nenhuma convergência, uma vez que Capoeira não foi lembrada em nenhum momento, mesmo sendo uma manifestação cultural genuinamente brasileira, tal como as sinergias e referências que originaram e constituíram a Semana, como por exemplo: o famoso poema sertanejo *Juca Mulato*, de Menotti Del Picchia (1892-1988); as irreverentes telas de Anita Malfatti (1889-1964), como a polêmica tela *O homem das sete cores*; os desenhos e pastéis do estereante Di Cavalcanti (1897-1976), ressaltando-se a obra *Boêmios*; as esculturas de Brecheret (1894-1955), como *Pietá*, *Vitória* e *Cabeça de Cristo*; o poema *Pauliceia desvairada* e os “versos inconformados” de *Ode ao burguês*, de Mário de Andrade (1893-1945); e, com grande destaque, o “novo universo sonoro” ou a “barulhada sem pé nem cabeça”, trazidos pela música de Villa-Lobos (1887-1959).[16]

No entanto, relembrar tal evento, neste momento, se torna pertinente não apenas por ter sido um dos componentes relevantes do processo de surgimento do Movimento Modernista Brasileiro, mas por nele estarem contidos, em sua gênese, os principais elementos constitutivos da concepção e do desenvolvimento da antropofagia de Oswald de Andrade (metáfora de um processo crítico de formação da cultura brasileira), explícito e propagado em seu Manifesto Antropófago, de 1928, ao ser afirmado que:

“Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi or not tupi that is the question.”[17]

A Capoeira, certamente, não foi incluída na programação das atividades a serem apresentadas durante a Semana de 22, no entanto, bem poderia ter sido apresentada como uma das várias formas de antropofagia, pois, conforme declara Benedito Nunes (1919-2011), Oswald teria afirmado em conferência realizada em Paris, em 1923, a importância “da presença do tambor africano e do canto negro como forças étnicas que desembocam na modernidade”[18]. Não seria, sem dúvida, apenas o tambor ou o canto negro-africanos os principais elementos que autorizariam, a Capoeira, a fazer-se representar, mas indiscutivelmente o seu, constitutivo e primordial, caráter antropofágico.

Na concepção de Oswald de Andrade, e demais “antropófagos” de primeira hora que formavam o chamado Grupo dos Cinco e dos que fundaram com ele a Revista Antropofagia, é da deglutição das formas importadas que serão originados os produtos genuinamente brasileiros. Anos mais tarde, Oswald em tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP, afirmou, categoricamente, que:

A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a transformação do tabu em totem. Do valor oposto ao valor favorável. A vida é devoração pura. Que é o tabu senão o intocável, o limite”[19]

Tal pressuposto, antropofágico, é possível de ser identificado na constituição (princípios e práxis) do fenômeno Capoeira, uma vez que, por sua natureza, ela não é apenas um exercício constante de tornar o “valor oposto em favorável”, ou, desde a sua origem, vir transformando os inúmeros tabus em totens, ou uma interminável devoração não apenas do que é estrangeiro ou daquilo que poder-se-ia classificar como exógeno, mas por deglutir, constantemente, tudo aquilo que possa lhe servir de energia criadora, como bem definiu o Mestre Pastinha (1899-1985) ao revelar que “a Capoeira é tudo que a boca come e tudo que o corpo dá”[20]

Não é possível, até o momento, identificar o porquê Oswald de Andrade olvidou-se da Capoeira. Talvez por algum deslize pequeno-burguês ou alguma desatenção causada pela sua origem de paulistano “quatrocentão” ... O fato é que se assim não tivesse sido, a Capoeira poderia ter se tornado um excelente símbolo de sua tão propagada e desejada antropofagia, sem dúvida!

Pelo convívio, intenso, com esses Velhos Mestres da Bahia e as experiências de aprendizado vivenciadas, diariamente, principalmente com Mestre João Grande (aluno de Mestre Pastinha), permitiram-me identificar, também, os seus princípios fundamentais, quais sejam:

Totalidade - fortalecimento da unidade do homem (consigo, com o outro e com o mundo), considerando a emoção, a sensação, o pensamento e a intuição como elementos indissociáveis desta mesma unidade, favorecendo o desenvolvimento do processo de autoconhecimento, autoestima e auto-superação, visando a preservação de sua individualidade em relação às diversas outras individualidades, tendo em vista o contexto uno e diverso no qual está inserido.

Coeducação - concepção da Educação que, como um processo unitário de integração e modificação recíproca, considerando a heterogeneidade (sexo, idade, nível socioeconômico, condição física etc.) dos atores sociais envolvidos e, fundamentando-se nas experiências vividas de cada um dos participantes e estruturando a atuação pedagógica apoiada na ação-e-reflexão, tem na relação mestre-aprendiz, como o encontro entre dois aprendizes, o seu alicerce.

Emancipação - busca da independência, autonomia e liberdade do ser humano, fundamentando-se num processo de educação no qual é estimulado a ser autônomo; a conhecer-se profundamente, indagando e explorando todos os meandros do vivido e buscando seus significados; a conhecer as fronteiras que lhes são impostas; a perceber os seus limites e possibilidades, oportunizando, assim, o desenvolvimento, por intermédio da criatividade e da autenticidade, da capacidade de discernir criticamente e elaborar genuinamente as suas próprias razões de existir.

Participação - valorização do processo de interferência do homem na realidade na qual está inserido, fundamentada nos princípios de cogestão, corresponsabilidade e integração e que, favorecendo seu comprometimento, como ator-construtor dessa mesma realidade, propicia o gerenciamento das questões de seu interesse, tendo em vista o processo de organização social

decorrente do exercício de seus direitos e responsabilidades.

Cooperação - união de esforços no exercício constante da busca do desenvolvimento de ações conjuntas para a realização de objetivos comuns, fundamentada no potencial cooperativo e no sentimento comunitário de cada um dos participantes do processo, estreitando, assim, os laços de solidariedade, parceria e confiança mútua, de forma a fortalecer as habilidades em perseverar, em compartilhar sucessos e insucessos, em compreender e aceitar o outro, como elementos constitutivos do processo de co-evolução do ser humano.

Regionalismo - respeito, proteção e valorização das raízes e heranças culturais, como sinergias constitutivas do todo, considerando a singularidade inerente aos diversos mundos culturais, surgidos da relação intrínseca entre seus elementos, de forma a resgatar e preservar a sua identidade cultural, no processo de construção do coletivo[21].

O fenômeno Capoeira, portanto, se manifesta de diversas formas, sendo possível identificar uma grande variedade de perspectivas, tais como: ginástica, luta, esporte, dança, objeto de arte, terapia, educação física, jogo, arte&ofício e outras, não menos importantes. No entanto, considerando todas as possíveis perspectivas, a sua manifestação no horizonte da Educação, no âmbito do processo de aprender-se a ser-no-mundo, é a que mais tenho me dedicado a estudar e a aprimorar minha interpretação, concebendo a Capoeira como um jeito brasileiro de aprender a ser-no-mundo.

Em pesquisa etnográfica, anteriormente realizada, me foi possível identificar os seus principais pressupostos que, transmitidos pela prática e pela visão do mundo dos principais Velhos Mestres da Capoeira da Bahia, remisscentes e legítimos representantes da vertente denominada Capoeira Angola, destaco a seguir:

- Primeiro pressuposto — a Capoeira se desenvolve como um momento de encontro entre dois aprendizes, no sentido que dão à relação, professor-aluno, mestre-aprendiz, educador-educando, Paulo Freire e Vieira Pinto, encontro esse no qual o mais importante é a interação que leva a ambos aprenderem um com o outro alguma coisa;
- Segundo pressuposto — o contexto no qual se desenvolve essa aprendizagem se dá no sentido de uma comunidade de aprendizagem, como nos diz Ana Quiroga, onde os praticantes se colocam numa posição de parceiros na descoberta e aperfeiçoamento do Jogo da Capoeira e do ser-no-mundo;
- Terceiro pressuposto — nessa relação Mestre-Aprendiz, não existe a verdade absoluta, o conhecimento definitivo, a última palavra a ser dada quer pelo Mestre, quer pelos Aprendizes;
- Quarto pressuposto — a heterogeneidade é elemento real e fundamental no desenvolvimento desse processo de fazer-se no mundo que se realiza por intermédio, principalmente, da interação entre seres humanos “mais vividos” e seres humanos “menos vividos” ou não tão vividos assim;
- Quinto pressuposto — o respeito à individualidade de cada um e ao seu ritmo próprio é uma constante no cotidiano do processo educativo, não havendo referências externas aos seus praticantes como parâmetro de avaliação;
- Sexto pressuposto — não pode haver distinções (políticas, econômicas, sociais, religiosas), qualquer tipo de preconceito ou limitações impostas por qualquer tipo de ideologia;

- Sétimo pressuposto — a práxis é a base do desenvolvimento e consolidação do processo educativo, realizando-se em situações concretas, valorizando o vivido como o principal elemento dessa aprendizagem;
- Oitavo pressuposto — não existem modelos metodológicos que devem ser adotados por todos. É necessário que exista a liberdade para que se possa criar e (re)criar métodos, técnicas, procedimentos, tendo em vista ser cada aprendiz, ou grupos de aprendizes, únicos e particulares;
- Nono pressuposto — é fundamental, para o processo educativo, facilitar que venha à tona os conhecimentos já existentes em cada um, fruto da sua história de vida, sendo a experiência vivida o referencial mais profundo para que este aflore;
- Décimo pressuposto — o professor, mestre, educador, seja qual for a denominação atribuída, é um animador desse processo de aprender a ser-no-mundo, fazendo vibrar o *anima*, a vida, que “resgata a Alma das sepulturas onde ela se encontra soterrada”, como diz Rubem Alves, citado por Marcelino, em sua Pedagogia da Animação;
- Décimo primeiro pressuposto — a relação de consideração entre mestre e aprendiz, professor e aluno, educador e educando, é um dos sustentáculos insubstituíveis no processo do homem aprender a ser-no-mundo, havendo, à medida que os laços de respeito, amizade, lealdade vão se estreitando, uma consideração fraterna entre ambos;
- Décimo segundo pressuposto — o processo de educação deve se desenvolver, sem interrupção, de geração em geração, ou seja, a exemplo dos Mestres citados, contínua e permanentemente, ao longo da vida.[22]

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Oswald de. **A utopia antropofágica**. São Paulo : Globo (Obras Completas de Oswald de Andrade), 1995

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo : Editora Moderna, 2005

BARBIERI, Cesar A. S. **Esporte educacional**: uma possibilidade de restauração do humano no homem.

Canoas : Editora da ULBRA, 2001

_____. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília : GDF/DEFER, 1993

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo : Brasiliense, 2006

FONTANELLA, Franciso C. **O corpo no limiar da subjetividade**, Piracicaba :Ed. Unimep

GONÇALVES, Marcos A. **1922**: a semana que não terminou. São Paulo : Companhia das Letras, 2012

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo : Paz e Terra., 1985

MAIAKLOVSKI, Wladimir. http://pensador.uol.com.br/maiakovski_poemas, acessado em 20/09/2012

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. Belo Horizonte : Interlivros, 1975

_____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo : Martins Fontes, 1994

_____. **O olho e o espírito** (Coleção os Pensadores). São Paulo : Abril Cultural, 1984

NIETZSCHE, Friedrich. **Origem da tragédia**. Lisboa : Guimarães Editores, 1972

OSBORNE, Harold. **Estética e teoria da arte**: uma introdução histórica. São Paulo : Cultrix, 1986

PLATÃO. **Hípias maior** (ou: Sobre o Belo). Belém : Universidade Federal do Pará, vol. I-II, 1980

Cesar Augustus S. Barbieri é Mestre em Educação, pela Universidade de Brasília-UnB, Doutor em Educação, pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCar e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe-IHGSE.

[1] Cf. Jorge Coli, **O que é arte**, São Paulo, Brasiliense, 2006, p. 13

[2] Cf. Friedrich Nietzsche, **Origem da tragédia**, Lisboa, Guimarães Editores, 1972, p. 24

[3] Cf. Platão, **Hípias maior** (Ou: Sobre o Belo). Belém, Universidade Federal do Pará, vol. I-II, p. 361-396

[4] Cf. Harold Osborne, **Estética e teoria da arte**: uma introdução histórica, São Paulo, Cultrix, 1986, p. 31-35

[5] Cf Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins, **Filosofando**: introdução à filosofia, São Paulo, Editora Moderna, 2005, p.378

[6] Idem, *ibid.*, p. 373

[7] Idem, *ibid.*, p. 371

[8] Cf. Wladimir Maiakovski, http://pensador.uol.com.br/maiakovski_poemas, acessado em 20/09/2012

[9] Cf. Francisco C. Fontanella, **O corpo no limiar da subjetividade**. Piracicaba, Ed. Unimep, 1995, p. 8

[10] Idem, *ibid.*, p. 11

[11] Idem, **A estrutura do comportamento**, Belo Horizonte, Interlivros, 1975, p. 222

[12] Idem, **O olho e o espírito**, Coleção os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1984, p. 89

[13] Idem, **Fenomenologia da percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 273

[14] Cf. Karel Kosic, **Dialética do concreto**. São Paulo, Paz e Terra, 1985

[15] Cf. Cesar Barbieri, **Esporte Educacional**: uma possibilidade de restauração do humano no homem, Canoas, ULBRA, 2001, p. 60

[16] Para aprofundamento do assunto, recomenda-se a leitura de **1922**: a semana que não terminou, de Marcos A. Gonçalves, São Paulo, Companhia das Letras, 2012

[17] Cf. Oswald de Andrade, **A utopia antropofágica**, São Paulo, Globo (Obras Completas de Oswald de Andrade), 1995, p. 47

[18] Cf. Benedito Nunes, A antropofagia ao alcance de todos. In: Oswald de Andrade, **op. cit.** p. 09

[19]Cf. Oswald de Andrade, **op. cit.**, p101

[20] Frase por demais conhecida no meio capoeirístico, porém considerada, por alguns, como de autoria duvidosa. No entanto, tal autoria é confirmada por Jota Bamberg, ao declarar-se testemunha ocular do momento em que o Velho Mestre proferiu tal pensamento, quando filmavam o documentário Globo Documento, produzido por ele e rodado em Salvador, na década de 1970

[21] Cf. Cesar Barbieri, **op. Cit.**, p. 62

[22] Cf. Cesar Barbieri, **Um jeito brasileiro de aprender a ser**, Brasília, GDF/DEFER, 1993, p. 82-105